

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS	-4. FEV. 1980		

**NO ENCERRAMENTO DAS JORNADAS DA ACÇÃO CATÓLICA**

**«MILITANTES CRISTÃOS TÊM DE SABER QUAL É A TEORIA DA SUA PRÁTICA»  
— AFIRMOU O BISPO DO PORTO**

Texto de RUI OSÓRIO  
Foto de VISEU CALDEIRA

«O problema da Acção Católica hoje não é um problema de obediência, de reconhecimento por parte da Hierarquia, de relações interpessoais; mas um problema de fé e sua expressão no nosso tempo e cultura» — afirmou o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, ontem à tarde, no encerramento das Jornadas da Acção Católica da diocese do Porto, que se realizaram no passado fim-de-semana, em Ermesinde, com a presença de militantes dos seguintes organismos diocesanos da Acção Católica: ACR, JARC, LOC, JOC, JEC/JUC, ACI e MEC e a que se associaram, no final, algumas centenas de cristãos da Igreja Portucalese na sua maioria antigos militantes daquelas formas de apostolado laical.

O bispo do Porto pôs em relevo um dos aspectos mais positivos daquelas Jornadas, desde a sua preparação meses atrás até à sua realização anteontem e ontem: o diálogo entre a militância laical e a Teologia, e esta, por sua vez, em comunhão com o Magistério da Igreja que assegura a sucessão apostólica.

Nesse sentido, referiu que a Acção Católica, no seu dinamismo, «toca nos problemas mais difíceis e mais dramáticos do nosso tempo»: a fé vivida no coração do Mundo. Por isso, como acentuou D. António Ferreira Gomes, «não é um apostolado tranquilo, sossegado, recolhido, porque é desenvolvido num Mundo em crise; se o fosse, a Acção Católica não estaria no Mundo, mas fora dele».

Entretanto, o bispo do Porto, tocando no essencial, como se esperava da sua intervenção, afirmou que «a militância cristã tem de pensar muito qual é a teoria da sua «praxis», pois, no seu entender, como na opinião de muitos em Igreja, pode acontecer que os militantes cristãos, também os da Acção Católica, acabem por «adaptar a prática de uma falsa teoria, mesmo de uma teoria que não se confessa». É o caso, como disse D. António Ferreira Gomes, de quando se fala apenas de Jesus Cristo, sem falar em Deus, reduzindo-o, porventura, a um «grande profeta» ou a um «condutor político»; de um Jesus Cristo que nem sequer fundou a Igreja.

«Tudo nasce do Evangelho — acrescentou o bispo do Porto — mas o Evangelho é dado na Igreja» e esta «é uma sociedade positiva que tem uma constituição que não podemos alterar — o Evangelho —, vivido à luz da Instituição eclesial-povo de Deus».

No final da sua intervenção, o bispo do Porto respondeu muito concretamente que, na sua diocese, quer a Acção Católica e deposita nela muita esperança e a pretende como o Concílio Vaticano II a contemplou no decreto do apostolado dos leigos, isto é, com todas as características e tomadas em conjunto, que esse documento do magistério conciliar lhe atribui.

**Preferência evangélica pelos mais pobres e desfavorecidos**

Os trabalhos do segundo e último dia das Jornadas, ontem de manhã, completaram o debate iniciado na véspera a nível de três comissões, tendo sido redigidas no final as conclusões que foram apresentadas na sessão de encerramento, à tarde, no colégio de Ermesinde.

As conclusões foram apresentadas em cinco pontos, tendo todos, mas particularmente o primeiro, o dedo dos movimentos operários—JOC e LOC — que, aliás, sem monopolizar, dominaram bastante o andamento das Jornadas, ganhando esta iniciativa da Acção Católica da diocese do Porto em dinamismo, mas perdendo, talvez, em pluralidade e colorido devido a um certo apagamento dos outros organismos intérpretes qualificados dos seus meios, pois a nenhum pode caber o papel de ir a reboque dos outros. Isso sem invalidar o aspecto altamente positivo de (e desde há muito isso não acontecia) se terem reunido todos os organismos numa busca comum da razão de ser da Acção Católica na Igreja e no Mundo de hoje.

Do primeiro ponto daquelas conclusões, ressalta o facto de «homens e mulheres, inseridos nos diferentes meios (rural, operário, escolar, profissões liberais, quadros técnicos, etc)», sentirem «as alegrias e esperanças, as angústias e anseios que aí são vividos». Tais militantes, como confessam, vislumbram, «no seio da complexa e contraditória vida social, tan-

to factos e acontecimentos que são testemunhas de uma caminhada no sentido da libertação

e alimento para a Esperança, como muitos problemas que afligem os homens» — «o desemprego; a falta de habitação em quantidade e acessibilidade; os contratos a prazo e a baixa de salários reais; a falta de condições materiais no trabalho e nas escolas; a falta de espaços de convívio; a exploração do trabalho infantil e adolescente; os ritmos esmagadores do trabalho e estudo; um ensino desligado da vida real, individualista, competitivo e tecnocrata; o analfabetismo, sobretudo nas zonas rurais; a pouca participação da mulher na vida social; a pouca abertura, no meio rural, a solução de cooperativismo e associativismo».

Entretanto, os participantes

nas Jornadas reconheceram a existência de militantes, em todos aqueles organismos da Acção Católica, que estão atentos e mesmo directamente inseridos em organizações de carácter político e social» e que tal «inserção é acolhida (...) como uma exigência de participação nas tarefas que permitem a construção de uma sociedade mais conforme com os designios de Deus».

Verificaram também «a sensibilidade crescente para viver essas opções num clima de são pluralismo, abertura e capacidade de diálogo», sublinhando a necessidade de todos caminharem para «uma maior maturidade política e uma mais profunda capacidade de discernimento crítico, capaz de permitir a sua permanente conversão às propostas mais fundamentais do Evangelho». E isto porque consideraram que «o compromisso político pode ser uma forma exigente de exercer a caridade fraterna e a acção evangelizadora do meio», sem cair na tentação «de pedir» o apoio da Igreja para as opções políticas concretas dos seus militantes», até porque verificaram que «a mesma fé pode levar a compromissos diferentes», além de terem verificado que os cristãos não devem constituir «os interesses dos seus grupos sociais em critérios absoluto» antes de-

vem abrir-se «aos desafios do Evangelho que constantemente nos mostra os limites e a relatividade das nossas opções sem esquecer contudo a preferência evangélica pelos mais pobres e desfavorecidos».

**Propósito de revitalizar a Acção Católica**

Os outros pontos das conclusões tratam de problemas mais ligados com a vida interna dos organismos da Acção Católica, que passam pela natureza e identidade desta forma de apostolado eclesial, sua vinculação à hierarquia católica, metodologia e meios que utiliza, suas relações com outras formas de apostolado e comunidades cristãs, particularmente a diocese e as paróquias.

No último ponto das conclusões, foi considerado ainda, no âmbito do compromisso temporal, o enquadramento da Acção Católica a nível nacional e internacional.

As conclusões sublinham a importância da «continuação dos trabalhos das Jornadas, no sentido de revitalizar a Acção Católica e melhor encontrar a sua identidade», insistindo que «a Vigararia Episcopal para o Apostolado dos Leigos se torne instância de apoio e diálogo entre os movimentos e a hierarquia».

Na sessão de encerramento, falou ainda o cónego António Santos, vigário episcopal para o Apostolado dos Leigos, e o Porfírio, da LOC.

As Jornadas terminam com uma concelebração eucarística, presidida pelo bispo do Porto com a participação de vários assistentes dos diferentes organismos da Acção Católica e de centenas de leigos ali presentes.



Fundação Cuidar o Futuro

O encerramento das Jornadas da Acção Católica da diocese do Porto reuniu ontem à tarde, no Colégio de Ermesinde, algumas centenas de leigos, antigos e novos militantes dos diferentes organismos daquela forma de apostolado laical, atentos aos propósitos de revitalização da militância cristã.